

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES
PCP

A LIBERTAÇÃO DE GOA

— Salazar e os imperialistas derrotados!

A libertação dos povos de Goa, Damão e Diu do jugo dos colonialistas portugueses, é saudada pelos povos de todo o mundo e também por todos os portugueses que não têm qualquer interesse na exploração dos povos coloniais e que são a imensa maioria da Nação Portuguesa.

O Partido Comunista Português, saúdo o povo de Goa Livre, cuja história ao longo dos séculos, regista dezenas de insurreições afogadas em sangue pelos colonialistas portugueses.

A despeito dos esforços desesperados de última hora, para obter apoio mais activo dos seus parceiros da NATO — os imperialistas americanos e ingleses — Salazar sofreu com a libertação de Goa a primeira grande derrota da sua política insensata e reacção de colonialista empadernido. O saldo dessa política, no caso de Goa, pode definir-se assim: para a camarilha salazarista, milhões de contos arrebatados ao longo de muitos anos como fruto da exploração das riquezas desses territórios; para o povo português, pesados impostos e miséria, para pagar uma política belicista que lhe custou ainda perdas de vidas e milhares de entes queridos prisioneiros em Goa cujo repatriamento Salazar continua a retardar com uma política provocadora em relação aos cidadãos indianos que foram metidos nos campos de concentração de Moçambique.

Goa Livre, é um estímulo e uma ajuda poderosa à luta libertadora dos outros povos coloniais que sofrem ainda o domínio dos colonialistas portugueses. A rapidez com que se desmoronou o domínio salazarista em Goa, Damão e Diu e o número relativamente reduzido de baixas (as agências internacionais falam em 28 mortos), só foram possíveis porque os soldados que

REPATRIAMENTO

dos prisioneiros!

Os 4.500 homens das forças armadas portuguesas que foram prisioneiros em Goa continuam a aguardar o repatriamento por Salazar não querer abrir negociações com o governo indiano e estar a exercer represálias sobre os indianos residentes em Moçambique, que foram metidos em campos de concentração e despojados dos seus bens.

Que se formem grupos de famílias dos soldados e que, acompanhados pelo povo, se concentrem nos ministérios exigindo: REPATRIAMENTO IMEDIATO DOS PRISIONEIROS!

Salazar enviou à força para a Índia, recusaram-se a combater. Este facto encheu de embaraço os salazaristas que vinham desde há muito afirmando fanfarronamente que se bateriam até ao fim; como pouco tempo antes afirmara o governador fascista, General Vassallo e Silva, o qual, não obstante, se rendeu com todo o seu estado-maior, sem esboçar qualquer resistência. No próprio «Afonso de Albuquerque», afundado pela armada indiana, registaram-se poucas baixas muito ao contrário do que parece terem desejado os salazaristas que chegaram a anunciar muitos mortos, na preocupação de fabricar «heróis» para alimentar a sua propaganda colonialista e patrioteira.

Também com este objectivo, toda a máquina de propaganda fascista inventou durante dias uma «resistência» que nunca existiu da parte da população local e dos soldados portugueses. O número de militares prisioneiros em Goa, quase igual ao dos efectivos para ali enviados, fala mais alto do que todas as patranhas salazaristas. A recusa daqueles militares a fazer a suja guerra colonial de Salazar, é um exemplo digno de ser seguido por todos os soldados portugueses.

As «carpideiras» fascistas que choram por conta dos monopólios a perda de Goa, não choram as vidas ali sacrificadas e o sofrimento de milhares de portugueses, cho-

(continua na 4.ª pág.)

JOAQUIM PIRES JORGE, OCTÁVIO PATO, AMÉRICO DE SOUSA, CARLOS COSTA e outros militantes do Partido FORAM PRESOS!

O fim do ano de 1961 fica assinalado por mais uma ofensiva da polícia política de Salazar, que deixa atrás de si um rasto de assaltos, prisões e crimes sangrentos.

Neste momento, estão sofrendo brutais interrogatórios e torturas na PIDE os valerosos dirigentes comunistas Joaquim Pires Jorge (Gomes), Octávio Pato (Melo) Américo de Sousa (Abel) e Carlos Costa, assim como os funcionários do Partido Júlio Martins, Natália David, Albina Silva com dois filhos pequenos e Francisca da Costa.

O camarada José Dias Coelho, abnegado funcionário do Partido, caiu assassinado pelos agentes da PIDE na noite de 19 de Dezembro.

A prisão de todos estes dirigentes e militantes destacados do Partido, assim como o assassinato do camarada Dias Coelho, constituem um duro golpe para o nosso Partido e para a luta libertadora popular e obrigam o Partido a uma severa defesa dos seus quadros e a uma estreita vigilância para impedir o inimigo de vibrar os novos golpes que prepara. Para que a luta anti-fascista se alargue decisivamente no ano em curso, é essencial que o Partido saiba reter ordenadamente e estancar a ofensiva do inimigo.

Nesta hora difícil para o Partido, o Comité Central, encabeçado pelo Secretário Geral do Partido, camarada Álvaro Cunhal, lança um apelo a todos os comunistas, a todos os trabalhadores conscientes, para que cerrem fileiras em torno da Direcção do Partido, para que dêem provas da maior vigilância, disciplina e combatividade na luta contra o inimigo fascista. O Partido recompor-se-á dos golpes sofridos. Os comunistas continuam à cabeça da luta pelo derrubamento do fascismo, sejam quais ferem os sacrifícios que isso lhes exija, certos de que não há forças capazes de impedir a libertação do povo português.

Salvemo-los!

A tarefa mais imediata que se coloca neste momento a todos os comunistas, a todos os homens, mulheres e jovens conscientes é lutar por todos os meios para salvar a vida de Joaquim Pires Jorge, Octávio Pato, Américo de Sousa, Carlos Costa e dos outros destacados militantes comunistas presos em Dezembro, exigindo a sua imediata comunicabilidade e libertação. Eles estão em risco de ser assassinados pela PIDE, tal como aconteceu ao camarada José Dias Coelho!

Desmascaremos a acção criminosa da PIDE!

Quem são os dirigentes do Partido agora presos

JOAQUIM PIRES JORGE de 53 anos. Militante do Partido há 30 anos, o camarada Pires Jorge tem toda a sua vida estreitamente ligada à luta do nosso povo contra o fascismo e à construção do Partido Comunista como um grande partido nacional. Deportado já na sua juventude para Angola pela ditadura fascista, J. Pires Jorge foi mais tarde preso em Espanha, on-

(continua na 4.ª pág.)

A PIDE assassinou JOSÉ DIAS COELHO

No dia 19 de Dezembro foi assassinado a tiro pela PIDE na rua dos Lusíadas em Alcântara o camarada José Dias Coelho, de 38 anos de idade, membro da Direcção da Organização Regional de Lisboa do Partido Comunista Português.

O crime foi cometido por uma brigada de 5 agentes da PIDE que saindo dum automóvel o assaltaram em plena rua, disparando dois tiros contra o nosso camarada, que não tinha consigo qualquer arma. Um tiro à queima roupa, em pleno peito, deitou-o por terra e outro foi disparado com ele já no chão. Isto passou-se cerca das 8 horas da noite. Precipitadamente, os assassinos meteram o nosso camarada no automóvel e só 2 horas depois o foram entregar, já a expirar, no Hospital da CUF.

Que fizeram os bandidos da PIDE a este homem moribundo, nas duas horas em que o tiveram em sua poder?

Sabemos que o nosso camarada ao chegar ao Hospital, tinha somente um bilhete de identidade consigo. Desaparecera a carteira, com 20.000\$00, o retrato da filha, a própria aliança.

Depois do crime, cometido friamente, os assassinos da PIDE tiveram a crueldade de deixar sem socorros médicos durante duas horas um homem gravemente ferido, que eles não sabiam se se poderia salvar e não hesitaram em roubá-lo.

Era intuito dos criminosos esconderem a identidade do nosso camarada, para evitarem os protestos da família e dos amigos e a indignação do nosso povo por mais este crime, enterrando-o sob uma falsa identidade, isto porque José An-

(continua na 2.ª pág.)





RESISTAMOS UNIDOS às perseguições e ao terror!

Contra os trabalhadores, contra os democratas e principalmente contra o Partido Comunista, a ditadura tem desencadeado nos últimos meses toda a sua monstruosa máquina repressiva, que mobiliza, com a PIDE à cabeça, a G.N.R., a P.S.P., a Legião Portuguesa, a Polícia Militar e até a Polícia de Viação e Trânsito. Além dos dirigentes e funcionários do Partido Comunista presos recentemente, além do cobarde assassinato de José Dias Coelho, além da repressão sangrenta às manifestações de Almada e à revolta de Beja, largas dezenas de prisões foram efectuadas recentemente, principalmente entre democratas que se destacaram na luta «eleitoral». Encontram-se presos o Dr. Arlindo Vicente, gravemente doente, o Eng.º António Abreu, a quem a PIDE aplicou a tortura do sono durante dias, o jornalista José Manuel Tengarrinha, Dr. António de Carvalho, o estudante Viana Martins, o pintor Mário Silva, o Dr. Orlando de Carvalho, o Dr. Joaquim Namorado, Dr. Alberto Vilaça, o Dr. Mário Vilaça, o Padre José da Costa Pio, trinta trabalhadores e democratas de Alpiarça, e muitos outros de Almada, Cova da Piedade, Aljustrel, Torres Vedras e vários jovens liceais de Viseu. Continuam a ser feitas prisões

por todo o país, são assaltadas casas, e a PIDE penetra neias de armas em punho, arrombando portas e janelas.

As cidades, vilas e aldeias são apertadamente policiadas e as estradas percorridas por patrulhas reforçadas da G.N.R., que obrigam toda a gente a identificar-se. A Polícia de Viação e Trânsito presta-se a colaborar nesta acção repressiva à escala do país, fazendo barragens de estradas e chegando até a remover as cargas das camionetas. No Alentejo e Algarve estas barragens são reforçadas com metralhadoras assentadas para a estrada.

O fascismo chegou ao extremo de proibir os festejos da passagem do Ano em todo o país, recioso de quaisquer manifestações.

Só uma potente e massiva luta de todo o nosso povo, contra esta insustentável situação repressiva poderá fazer recuar a ditadura fascista.

É urgente que se multipliquem as cartas, os abaixo-assinados, as manifestações de protesto contra os crimes e prisões, exigindo o castigo dos criminosos e a libertação dos presos.

Mais do que nunca temos que activar e tornar extensiva a todos os portugueses honrados a campanha de assinaturas pró-Amnistia!

O assassinato de J. Dias Coelho

(continuação da 1ª página)
tónio Dias Coelho era um conhecido escultor, com muito prestígio no meio artístico e intelectual. E o seu assassinato levantou nestes meios e em todo o povo trabalhador a mais viva repulsa e protesto.

Ainda muito jovem, José Dias Coelho aderiu à Frente Académica Anti-Fascista e mais tarde, já aluno de Belas Artes, fez parte do MUD Juvenil, tendo participado em várias lutas académicas, nomeadamente no movimento de protesto contra a demissão dos professores das várias Faculdades, que culminou com a luta contra as forças repressivas na Faculdade de Medicina, em 1947.

Foi um dos dirigentes das lutas da sua Escola pela Associação Académica, das lutas em defesa da Paz e contra a reunião do Pacto do Atlântico em Lisboa em 1952, pelo que foi expulso da Escola Superior de Belas Artes, proibido de ingressar em qualquer outra Faculdade do país, e demitido do seu lugar de professor do Ensino Técnico.

Ele poderia ter sido um bom escultor, pois era um artista cheio de sensibilidade e talento, mas nunca quiz dissociar a sua vida de homem, os deveres que lhe impunham os seus elevados ideais, da sua actividade de artista. Por isso sacrificou à sua coerência de vida a carreira artística e ingressou no quadro de funcionários do Partido Comunista, onde melhor poderia lutar pela libertação do nosso povo da tirania fascista. Membro do Partido há muitos anos, durante os sete anos que viveu na clandestinidade, José Dias Coelho entregou-se totalmente ao trabalho do Partido, com uma dedicada abnegação que levou até ao sacrifício da própria vida.

Como Dias Coelho escreveu ao recordar a memória de Maria Helena Magro, falecida na clandestinidade, nós repetimos a seu respeito:

«Não te dizemos adeus, camarada!

As tuas mãos cerradas vão com as nossas mãos cerradas.

A tua voz vai com as nossas vozes cantar mais alto e liberdade do nosso Povo e, sob a bandeira do nosso Partido, os teus olhos não-de olhar com os nossos olhos, o Portugal feliz que não reviveste.»

APELO

Este crime não pode ficar impune! Corre um abaixo-assinado em vários pontos do país exigindo um inquérito e o castigo dos culpados. Subscrevamo-lo!

Façamos telefonemas e enviemos telegramas, cartas e postais ao Governo, ao Ministro do Interior e às autoridades locais, civis e religiosas, exigindo o castigo dos culpados!

Por toda a Europa, onde este crime causou a maior repulsa, corre um abaixo-assinado entre os intelectuais, com um protesto dirigido ao governo português. O Socorro Popular Francês enviou à embaixada portuguesa em Paris um veemente protesto contra este crime do fascismo salazarista.

Exijamos o imediato castigo dos culpados e a dissolução do bando de assassinos da PIDE!

Os assassinos

Dos 5 agentes da brigada da Pide que na noite de 19 de Dezembro abateram a tiro o camarada Dias Coelho, só dois se identificaram: o assassino, agente Manuel Lavado, morador na Estrada da Damaia, 43, r.-c. D.º e o agente n.º 396, Pedro Ferreira.

Tudo leva a crer que esta brigada era chefiada por José Gonçalves, conhecido criminoso da Pide e assassino confesso do camarada Alex, em 1945.

Estes criminosos, como tantos outros que mantêm pelo terror e o crime a tirania salazarista, não ficarão impunes. Um dia virá em que a justiça popular os alcançará lá onde eles estiverem!

A MILITARIZAÇÃO DA ECONOMIA

O programa de governo de Salazar para 1962 pode resumir-se em dois pontos: repressão contra o povo português e guerra contra os povos das colónias. Por isso, o orçamento de Estado está dirigido para a transformação da economia nacional numa economia de guerra e o governo anuncia ao país que as despesas de guerra terão prioridade sobre todas as outras, prevendo-se mesmo que o ministro das Finanças possa anular dotações do orçamento para cobrir os encargos de guerra.

Com as despesas de guerra e repressão gastaram-se no ano passado 4 milhões de contos. Este ano, para novas compras de material de guerra e para novas aventuras como a da guerra de Goa, são destinados 2 milhões e 200 mil contos de despesas extraordinárias, mais meio milhão que no ano passado. Como não há receitas que cheguem para este desbaratar de dinheiro, a ditadura empenha o Estado, fazendo aumentar a dívida externa (em Setembro, o déficit da balança comercial já atingia a pesadíssima verba de 6 milhões e meio de contos) e agravando a dívida pública, que em 1961 atingiu o nível dos 19 milhões de contos.

Esta política aventureira está a esgotar rapidamente as reservas de moeda estrangeira, desvaloriza o escudo e ameaça atirar o país para a bancarrota. Só os velhos expedientes de Salazar em matéria de contos, como o de registar os empréstimos entre as receitas, lhe permitem apresentar um saldo positivo num orçamento que está, na realidade, profundamente desequilibrado.

- 4 Milhões de contos
- Impostos em 1960: 12
- A dívida pública sobre

Quem paga a guerra?

O povo, os trabalhadores, vão este ano pagar mais meio milhão de contos em impostos de guerra, tornando-se insuportável a carga dos impostos que em 1960 já subiu no total a pento de 12 milhões de contos. E como os impostos não chegam, o governo vai ainda buscar às caixas de previdência o dinheiro dos trabalhadores: 750 mil contos só no último ano! Está assim a ser praticada uma política de exploração dos trabalhadores para alimentar à força a política de guerra e de opressão dos povos coloniais.

Com cinismo afrontoso, o relatório da Lei de Meios faz a «descoberta» de que no último ano os preços baixaram e os salários subiram e que, portanto, «é de supor que tenham melhorado as condições de vida de grande parte da população activa»: A verdade é que a fome, o trabalho esgotante e as privações do povo trabalhador, têm aumentado dia a dia em consequência das guerras coloniais.

Quem tira lucros da guerra?

Entretanto, nem para todos a guerra representa sacrifícios. Para as grandes companhias internacionais que dominam nas colónias, como a Diamang, a CUF, a Sena Sugar, a Mineira do Lobito, etc., a guerra está a garantir a continuidade dos lucros fabulosos arrancados

OS MONOPÓLIOS AJUDAM-SE A SI PRÓPRIOS

O Ministro do Ultramar acaba de assinar o contrato de empréstimo de 105.500 contos que a Companhia de Diamantes de Angola faz ao governo de Angola. Este empréstimo é o primeiro dum conjunto que o governo espera contratar com os monopólios coloniais para obter até ao fim do ano 1 milhão de contos, para a chamada «defesa do Ultramar».

Qual o significado deste facto? Este facto significa que os monopólios coloniais, principais beneficiários da exploração dos povos das colónias, nem sequer pagam as despesas da guerra que o salazarismo conduz para a defesa exclusiva dos seus interesses monopolistas: limitam-se a emprestar com juros o dinheiro que o governo necessita para a condução dessa vergonhosa guerra, ficando o povo português ainda com o encargo de os reembolsar no futuro.

Quem são os «patriotas» da Diamang autores deste «generoso» gesto? A Diamang é um dos maiores monopólios coloniais inteiramente dominada pelo capital imperialista americano-inglês e belga. Como testas de ferro encontram-se à sua frente, além de outros, o roceiro e potentado fascista, comandante Ernesto Vilhena e o ex-governador geral de Angola almirante Vasco Lopes Alves. O reinado diamantífero da Diamang abrange um território de mais de 100.000 quilómetros quadrados (uma superfície maior que Portugal) no qual tem poder de vida e de morte sobre cerca de 90.000 indígenas. Os seus lucros nos últimos anos atingem milhões de contos arrancados ao suor e ao sangue de 25 mil nativos que escraviza.

Por tudo isto, bem se pode dizer que ajudando o governo salazarista, a Diamang como outros monopolistas e roceiros coloniais como a CUF, os Vieira de Brito, etc., comecem por se ajudar a si próprios!

OIÇA A RÁDIO!

MOCIMBOVO: Diariamente, em português, das 19,30 às 20 e das 21 às 21,30 horas pelas ondas de 25,31,41 e 49 e 25,31 e 41 m. respectivamente

PRAGA: Diariamente, em português, das 19 às 19,30 h. e das 23,30 às 24 h. em 16,19 e 25 metros; e em ondas médias, em 233 metros.

MIA NACIONAL

para guerra e repressão
milhões de contos
a 19 milhões de contos

ao trabalho forçado dos povos nativos. A sombra da guerra, também o capital monopolista inglês, americano, alemão, intensificam a sua exploração dos recursos nacionais.

As iniciativas económicas do governo de Salazar no campo internacional, como a adesão ao Banco Mundial, a entrada no G.A.T.T., as negociações com o Mercado dos Seis, abrem ainda mais as portas da nossa economia à penetração do imperialismo e favorecem o domínio pelo grande capital de todos os ramos da produção e do comércio, esmagando as pequenas e médias empresas.

A luta pelo fim imediato das guerras coloniais é pois uma tarefa premente para todos os patriotas. Para defender a vida da nossa juventude e impedir a continuação do massacre dos povos coloniais, para lutar contra a fome e a miséria, para impedir a ruína da economia nacional, para combater o domínio dos monopólios e do imperialismo em Portugal — impõe-se prosseguir e alargar em todos os campos a luta contra a guerra, contra os impostos, contra a militarização da economia nacional.

NOVAS LUTAS

UMA VITÓRIA DOS ENFERMEIROS AUXILIARES

Após uma luta que durou vários meses, os auxiliares de enfermagem de todo o país conseguiram ver satisfeitas algumas das suas reivindicações apresentadas ao Ministro da Saúde no verão passado, numa exposição com 1.500 assinaturas de profissionais de Lisboa, Porto e Coimbra. O resultado principal da sua luta foi o poderem de futuro frequentar o Curso Geral continuando a trabalhar e a ganhar podendo assim ascenderem na escala profissional da classe.

PARALISAÇÃO NA AMORA —

Os operários da fábrica de madeiras Anglo-Portuguesa, da Amora (Porto), não obtendo resposta da gerência sobre a sua reivindicação de aumento de salários, não hesitaram em ir para a paralisação de trabalho, a qual obrigou a direcção da fábrica a atender a sua reclamação.

OS TRABALHADORES DA BEIRA ALTA LUTAM —

Cerca de 5 mil trabalhadores contratados para a apanha da azeitona na região de Pinhel e Figueira de Castelo Rodrigo, animados pelo êxito da greve em Vale de Madeiros no ano passado, exigiram e conseguiram melhores jornas: estão a ganhar 22\$00 e um litro de azeite semanal por cabeça; as mulheres recebem agora 12\$00 e passaram a ter alojamento. Esta vitória é um estímulo para todos os trabalhadores da Beira!



como vivem e lutam os trabalhadores

(CORRESPONDÊNCIA DAS EMPRESAS)

EXPLORAÇÃO "Á AMERICANA"

Com a entrada do novo administrador (o monopolista Sr. Diehl, de nacionalidade americana), têm sido retiradas a pouco e pouco aos operários da General Electric Portuguesa as garantias que tinham na Companhia.

O Sr. Diehl nos primeiros dias do seu mandato acabou imediatamente, na reparação do Lumiar (armazéns, oficinas e fábrica) com o descanso «fim de semana», que consistia em fazer descansar metade do pessoal ao sábado para na semana seguinte descansar a outra metade. O sistema só foi abolido para os pequenos, pois nos escritórios o «fim de semana» mantém-se.

A distribuição de materiais na cidade, que era feita por 10 homens, é hoje executada por 6, que trabalham normalmente 12 horas por dia, sem que lhes sejam pagas as horas extraordinárias. Se protestam, são ameaçados com a rua. É elucidativo o caso dum operário que foi despedido com 10 anos de casa «por não dar o rendimento desejado e por dar prejuizos à Companhia com as faldas constantes por doença»; passou 14 meses no hospital e foi atirado para a miséria com 4 filhos menores.

Como manda o regulamento interno da Companhia, todos têm direito a brons pelo Natal. Apesar disso, mais de 20 operários nada recebem, pois foram considerados «adventícios» apesar de terem feito um contrato de trabalho com a Companhia, e de terem todos os descontos que a lei exige. Estes operários não terão também o subsídio de férias estipulado no regulamento interno.

Que mais falta ao Sr. Diehl explorar aos operários da General Electric Portuguesa? 26 Liberdade

* * *

A REFORMA DO ESTADO AOS ARSENALISTAS

Alguns operários com 18, 20 e 28 anos de trabalho no Arsenal de Lisboa foram transferidos para o ARSENAL DO ALFEEITE. Se quiserem ter direito à reforma, estes operários têm que descontar 6%, sobre metade dos anos de serviço até hoje prestados e ainda com a agravante do desconto ser calculado sobre os salários actuais e não sobre os que tinham nesse tempo, de modo que alguns teriam que pagar mais de 18 contos (fora os descontos futuros) para vir a ter direito a uma reforma miserável quando completassem 70 anos de idade e 40 de serviço.

Evidentemente que muitos operários dizem e com razão: «mesmo que tivesse esse dinheiro não pagava, porque não conho viver muito para além dos 70 anos e com esse dinheiro conseguia viver enquanto fosse vivo».

Quando acabarão estas infames roubalheiras?

Um arsenalista

* * *

EXPLORAÇÃO DESENFREADA EM GUIMARÃES

Na SERRAÇÃO DE DAVID RIBEIRO o pessoal entra às 8 da manhã, sai às 6 da tarde, trabalhando, assim mais seis horas por semana, que o patrão não paga. Os operários não podem dizer nada. Os salários são péssimos. É voz corrente que este patrão tem a fiscalização comprada, pagando 2 contos aos fiscais para que o deixem manobrar à vontade.

Na FIRMA JOSÉ CORRÊIA onde trabalham 16 operários, só metade está inscrita na Caixa. A outra metade não tem quaisquer regalias nem recebe abono. Durante a semana os operários trabalham sem saber quanto vão receber, pois o patrão dá-lhes ao sábado aquilo que entende e não o que está previsto no contrato.

A EMPRESA DE CALÇADO JOAQUIM FERREIRA tem 60 operários e só dá 4 dias de trabalho por semana ao pessoal, pois uma grande parte do trabalho é feito fora, por obreiros que recebem matéria prima fornecida pelo patrão, dando eles a ferramenta. Foge deste modo ao Fundo de Desemprego e outros encargos e explora ainda mais os obreiros que trabalham com ferramenta sua, sem quaisquer regalias e sem Abono de Família. Usando tais processos de exploração este representante do patronato mantém os seus operários a 4 dias.

* * *

ONDE ESTÁ A SEGURANÇA NO TRABALHO?

O que se passa na empresa ALFREDO ALVES, em Lisboa, terá talvez mais um caso entre tantos outros mas vale apenas citar alguns factos para demonstrar o desprezo dos tuberosos fascistas como o Eng. Carlos Garcia Alves pela vida de centenas de operários a quem não só explora como põem a vida em perigo todos os dias. Só na secção de fundição de ferro, onde as exigências da produção estão acima da segurança dos operários, deram-se vários desastres em poucos dias. No dia 28-9 foi numa lingada com quase três toneladas que se partiu e só por acaso não vilimcu vários operários; no dia 29-9, dum andalmo sem segurança caiu um operário; no dia 9-10, numa coquilha com 2,5 toneladas caiu em cima da perna dum operário, esmagando-lha.

Casos destes repetem-se quase diariamente e só poderão deixar de verificar-se tão a miúdo quando houver uma fiscalização séria que fiscalize sem telefonar previamente para as grandes empresas a avisar que vão ali e quando as visitas dos fiscais deixarem de ser feitas na companhia dos patrões que indicam os operários a que os fiscais devem fazer perguntas. Verdaderamente só teramos segurança no trabalho quando todos nos unirmos e lutarmos para acabar com esta desenfreada exploração capitalista.

Um operário

* * *

Estes casos, entre tantos outros que pelo país fora caracterizam a desenfreada exploração por parte do capital, só podem ser enfrentados com êxito através da organização e da unidade combativa da classe operária.

Discutindo os seus problemas e elegendo as suas Comissões de Unidade, os trabalhadores devem organizar por toda a parte a luta pela solução dos seus problemas, quer junto do patronato, quer junto dos sindicatos!

Com este número do «Avante!» sai um suplemento com rubricas dos amigos do Partido num total de: 54.341\$20

Aproximam-se as eleições sindicais

Entre as mais positivas realizações desenvolvidas durante o período «eleitoral», contam-se diversas assembleias de centenas de trabalhadores, para discussão dos seus problemas e reivindicações de classe: a sua difícil situação económica e necessidade de aumento de salários, a ausência de liberdades sindicais, direito à greve e luta contra o desemprego.

É preciso dar continuidade às resoluções aprovadas naquelas reuniões, levá-las à prática concentrando os esforços dos trabalhadores nas lutas reivindicativas de ordem política e nas lutas reivindicativas de classe. Muitos trabalhadores que actuam na luta política têm tendência para alhear-se da luta sindical; considerando que não ofereça perspectivas políticas. Mas ela tem e continua a ter uma importância fundamental para a mobilização, unidade e organização das massas operárias pela defesa dos seus interesses, acompanhada da luta junto do patronato e das empresas.

Para desenvolverem com êxito estas lutas, é indispensável que os trabalhadores formem as suas comissões de unidade. Entre elas têm particular importância as comissões sindicais, pelo grande papel que podem desempenhar na defesa dos direitos e reivindicações dos trabalhadores no terreno sindical.

Aproximam-se as eleições sindicais que, segundo os estatutos dos Sindicatos Nacionais, se devem efectuar de 3 em 3 anos, desde o princípio do ano até Fevereiro ou Março. É necessário preparar a luta pelas eleições sindicais com bastante antecedência, eleger desde já comissões sindicais bem apoiadas na classe e que sejam interessadas e activas. É necessário começar a escolher a lista apresentada pelos trabalhadores propondo aqueles que se mos-

tem seriamente empenhados na defesa dos interesses da classe e que dêem garantias de honradez, sejam quais forem as suas convicções políticas ou religiosas.

As Comissões sindicais compete dirigir a luta para as eleições sindicais, tendo bem presente, entre outras coisas, que:

1) É necessário que todos os propostos na lista se encontrem nas condições exigidas pelos estatutos (os elementos propostos para a Direcção têm que ter o exame da 4.ª classe); que as listas só podem ser apresentadas por um mínimo de 100 sócios com mais de um ano de efectividade e as cotas em dia e tem que ser entregues alguns dias antes do dia da eleição.

2) É necessário que as Comissões Sindicais conheçam bem os Estatutos do Sindicato e que vão para as Assembleias Gerais com um plano de actuação bem assente, para não serem «enrolados» pelos fascistas com as suas manobras «legais».

3) Devem manter a continuidade do seu trabalho e a sua ligação as massas para lá das eleições sindicais, quer para rapidamente levantar protestos se os fascistas se recusarem a homologar as direcções eleitas, quer para dirigirem as lutas operárias junto do patronato e das empresas, paralelamente à luta sindical.

Todas as organizações do Partido devem mostrar aos trabalhadores, nos seus respectivos sectores, a importância das eleições sindicais e a necessidade de concorrer a elas para eleger direcções da confiança dos trabalhadores.

Este trabalho de agitação, que já devia ter começado para aqueles sindicatos onde há eleições em 1962, tem que intensificar-se por todo este ano, pois em princípios do próximo ano realizar-se-ão as eleições na maioria dos sindicatos.

Aproveitemos as lições

DA REVOLTA DE BEJA



O País acompanhou emocionado o heroísmo do punhado de patriotas que na madrugada de 1 de Janeiro se apossou do quartel de Beja e daí resistiu bravamente ao assalto dos fascistas.

Ao iniciar-se o novo ano, o golpe de Beja exprime a indignação do País perante a desastrosa aventura de Salazar em Goa e assegura que a luta contra o fascismo continuará cada vez com mais ardor. O Partido Comunista saúda fraternalmente os patriotas que não hesitaram em derramar o seu sangue nesta tentativa para pôr fim ao regime odiado de Salazar e presta homenagem à memória dos que caíram no combate.

Mas, reconhecendo a coragem e patriotismo dos combatentes de Beja, temos que assinalar também que esta acção anti-fascista estava desde o início condenada à derrota, dada a desproporção entre os efectivos mobilizados e os fins que se tinham em vista, dado o seu completo isolamento da massa do povo.

Os combatentes de Beja e os seus dirigentes aplicaram mais uma vez a ideia de que um grupo de homens decididos e audaciosos poderia paralisar o aparelho de estado fascista e, pelo seu exemplo, arrastar a massa do povo e os militares à sublevação espontânea contra as autoridades fascistas, derrubando a ditadura.

Na madrugada de 1 de Janeiro ficou mais uma vez demonstrado que esta concepção é errada: os militares não se levantaram e as massas proletárias do Alentejo e de todo o País, conservadas à margem dos acontecimentos não puderam participar na luta, tornando assim possível às forças repressivas concentrarem-se num único ponto, isolando desde logo a revolta e fazen-

do a malograr.

Quando o ministro do Exército e os deputados-fantoches acusam o Partido Comunista de estar envolvido na revolta de Beja, eles sabem que estão a mentir. O Partido Comunista opõe-se aos golpes militares e às acções terroristas por saber que estas formas de luta são impotentes para esmagar o poderoso aparelho de Estado fascista. O Partido continua a lutar com todas as suas forças pelo levantamento nacional.

PELO LEVANTAMENTO NACIONAL

Como dizíamos ainda no último número do «Avante», para conduzir ao levantamento nacional é imperioso neste momento alargar as lutas de massas em vez de criar grupos armados. Esperamos que a dura experiência prática do golpe de Beja tenha vindo confirmar a justeza da nossa orientação e permita a muitos anti-fascistas juntarem-se à grande tarefa da preparação do levantamento nacional.

Para alcançar o triunfo final na luta contra o fascismo é preciso ter a coragem de pôr de parte os golpes e acções isoladas e saber trabalhar afinadamente na organização dos operários, dos militares, dos camponeses, da juventude, de todas as camadas da população, multiplicando os comités do Partido, as Juntas Patrióticas, as comissões legais, para o alargamento seguro e constante das lutas de todo o povo pelas suas reivindicações. Este não é o caminho mais demorado para a vitória sobre a ditadura, como pensam muitos anti-fascistas, mas pelo contrário, é o caminho mais rápido, o único que conduzirá à vitória. Só por este caminho mobilizaremos uma força capaz de

enfrentar o poder despótico da ditadura: a força de todo o povo impondo a sua vontade nas ruas em greves, manifestações e choques armados.

Por isso, das importantes lutas políticas desencadeadas nos últimos meses contra o fascismo, não é a revolta de Beja, apesar da coragem e patriotismo dos seus participantes, que fica como exemplo do caminho a seguir, mas sim as manifestações populares de Outubro e Novembro contra a farsa das «eleições». Alargando e aprofundando firmemente o trabalho político feito em Outubro - Novembro caminharíamos com segurança para o levantamento nacional libertador.

O Partido Comunista dirige de novo um apelo fraternal a todos os anti-fascistas, a todos os patriotas portugueses para que, através da unidade e da luta se leve todo o povo a erguer-se finalmente na luta pela LIBERDADE!

Capitão VARELA GOMES

Ansioso por contribuir para o fim da tirania de Salazar, o capitão Varela Gomes, que já ganhara largo prestígio em todo o País pela sua corajosa intervenção na luta contra a burla das «eleições», tomou parte dirigente na revolta de Beja, onde caiu gravemente ferido, vítima da sua generosidade para com o oficial fascista Calapez.

Neste momento, os criminosos da PIDE descarregam o peso do seu ódio contra este destacado patriota cuja vida tentarão aniquilar na primeira oportunidade. Levantemos a nossa voz contra a

OS ESTUDANTES CRITICAM

Desfilando pelas ruas de Coimbra nas suas tradicionais «festas», os estudantes empunhavam este ano cartazes onde se lia:

Se não concordarem com eu
Se para ele não fores fixo
Com certeza vais tu mer
O ar forte de Feniche

Grandes realizações: — Vai ser construída uma prisão com 9 milhões de cells para os opositores do comitente

E mais uma vez se fez a multiplicação dos votos!

Em Portugal é proibido o bikini, mas andam locais de lango.

Filmes aconselhados

à Oposição — «As grandes Esperanças» de U. N. — «Os Índios»
ao Tenuiro — «O ladrão de milhões»
em S. Bento — «O assassino da voz meiga»
em Belém — «Viva o Povo» e «O Bobo da Corte»

Se Vasco da Gama fosse vivo tinha de descobrir o caminho marítimo... de regresso da Índia.

Com o imposto de consumo
Já estamos todos sem sumo

O sr. Garin saiu da ONU devido à gripe... afro-asibílica.

Necrologia: — ainda não morreu.

ANO NOVO

Num país onde já quase tudo é proibido, o diador decidiu proibir também os tradicionais festejos pelo Ano Novo. Na ocasião em que todo o mundo festejava a entrada do ano de 1962, Portugal estava mergulhado no silêncio, sob rigorosa vigilância policial. Salazar conseguiu que o povo português não festejasse a entrada do Ano Novo, mas Salazar não pode fazer parar o tempo, ele não pode impedir que o novo ano lhe traga novas derrotas.

ameaça dum novo crime da PIDE! Reclamemos a libertação do capitão Varela Gomes e dos seus companheiros da revolta de Beja!

A libertação de Goa

(continuação da 1.ª pág.)

ram sim, a perda dos privilégios e dos lucros que auferiam com a exploração e expolição dos povos e das riquezas desses territórios. A demonstrá-lo está a preocupação que tiveram os responsáveis fascistas em fazer embarcar no paquete «Índia», mesmo com prejuízo da evacuação de mulheres e crianças, as barras de ouro do Banco Nacional Ultramarino que representa uma parte do saque das riquezas de Goa. A demonstrá-lo está ainda o facto, revelado por Salazar no seu discurso, de terem os salazaristas tentado à última hora o envio de mais soldados e material para Goa, afim de prolongar o tempo do saque, ainda que soubessem que tais soldados só podiam ter como destino final a morte ou o campo de prisioneiros.

Os verdadeiros valores que ao povo português interessava que fossem preservados em Goa, a herança cultural e os laços de amizade com os povos da Índia, esses foram espezinhados e desprezados por Salazar com a recusa a negociar a sua manutenção e praticando uma política de hostilidade e provocação sistemática para com a União Indiana, ao longo de 14 anos, que teve como resultado inevitável uma guerra desastrosa.

O sangue que correu em Goa e

os sofrimentos impostos a milhares de prisioneiros e suas famílias que vêm somar-se às vítimas da sangrenta guerra de Angola, mostra até onde Salazar e a sua camarilha estão dispostos a arrastar o povo português.

No seu último discurso, tal como na entrevista a um jornal francês dada anteriormente, Salazar promete ao nosso povo mais privações, mais sofrimentos e mais sacrifício de vidas com o prosseguimento da sua criminoso política colonialista. Salazar dispõe-se a reeditar de forma ampliada o exemplo de Goa nas outras colónias, como o demonstra a continuação da guerra colonial em Angola.

Só o levantamento em massa da Nação poderá pôr fim a esta corrida para o abismo dum catastrófe nacional!

Só a intensificação das lutas do nosso povo — da classe operária, dos soldados e de todas as camadas da população — contra as aventuras coloniais, pelo derrubamento da camarilha salazarista e pela instauração dum governo de Unidade Nacional, poderá terminar com a exploração e extermínio dos povos coloniais e devolver ao povo de Portugal a Paz, a Liberdade e a Democracia, de que está privado há longos 36 anos pela tirania fascista!

Os dirigentes do Partido presos

(continuação da 1.ª pág.)

de se encontrava em missão do Partido durante a guerra civil, e esteve prestes a ser fuzilado pelos franquistas. Entregue às autoridades salazaristas, foi deportado para a fortaleza de Angra, onde passou dois anos. Após a sua libertação, em 1940, Pires Jorge reintegrou-se imediatamente na actividade partidária, passando à ilegalidade e desempenhando tarefas de grande responsabilidade na reorganização do Partido. Pouco tempo depois era novamente preso, mas em 1942 conseguiu evadir-se e voltou à luta na clandestinidade como dirigente do Partido, passando a fazer parte do Secretariado do Comité Central onde tem desenvolvido grande actividade nos últimos 10 anos.

OCTÁVIO PATO, de 36 anos, tornou-se desde muito jovem conhecido da juventude do Ribatejo pela sua combatividade que o levou à direcção do movimento democrático juvenil. Lutando há já 15 anos na clandestinidade como dirigente do Partido, o camarada Octávio Pato faz parte do Comité Central há 12 anos e é membro do Secretariado.

AMÉRICO DE SOUSA, de 43 anos. Participando desde muito jovem no movimento revolucionário da classe operária como membro das

Juventudes Comunistas. Américo de Sousa foi preso em 1936 e deportado para o Tarrafal apenas com 17 anos de idade. Quatro anos da sua juventude foram passados no campo de concentração onde viu cair em praça pública Bento Gonçalves e tantos outros patriotas. Depois duma actividade política intensa, Américo de Sousa ingressou em 1946 nos quadros ilegais do Partido, a cuja direcção foi chamado. Em 1955, Américo de Sousa caiu de novo nas mãos do inimigo, mas passados dois anos evadiu-se audaciosamente do Aljube e reocupava o seu posto na luta como membro do Comité Central de que faz parte há vários anos.

CARLOS COSTA, de 33 anos. Membro do Partido desde os 16 anos, destacou-se pelo seu ardor e capacidade na luta da juventude, pelo que foi preso e condenado. Em 1951, Carlos Costa passou à ilegalidade mas, preso de novo em 1953 no Algarve, foi condenado pelo infame Tribunal Plenário a 10 anos de prisão e medidas de segurança. Ao fim de 7 anos de prisão nas várias cadeias do País, evadiu-se em 3 de Janeiro de 1960 do Forte de Peniche juntamente com Álvaro Cunhal e outros oito camaradas, retomando imediatamente a luta e sendo chamado ao Comité Central do Partido.

AMNISTIA! ABAIXO O TERROR FASCISTA!